

Relatos de Pesquisas

Afetividade, identidade e poder em grupos comunitários: características e articulações com o desenvolvimento do processo grupal*

Marcos Vieira Silva; Agnah Grandi;
Marcionília Soares Amaral

RESUMO

Trata-se de uma investigação sobre afetividade, identidade e poder em grupos comunitários e suas articulações com o desenvolvimento do processo grupal. Os grupos foram objeto de projetos de extensão e pesquisa. Filma-gens, fotografias e relatos de atividades forneceram os dados e permitiram análises sobre a evolução do processo grupal.

Palavras-chave: Grupos comunitários; Afetividade; Identidade; Poder.

O presente trabalho trata de uma investigação referente à ocorrência e características dos fenômenos da afetividade e da identidade grupais em grupos comunitários e suas articulações com as relações de poder e o desenvolvimento do processo grupal.

Os grupos selecionados são objeto de investigação e intervenção pelo Lapip – Laboratório de Pesquisa e Intervenção Psicossocial do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei, a partir de programas de extensão e estágio curricular. Buscamos estudos comparativos entre esses grupos e utilizamos os resultados da pesquisa para os estágios.

Embora já existam muitos estudos nessa direção, a articulação entre esses fenômenos e o processo grupal é algo que requer maior investigação.

Pensar o grupo como processo grupal permite captar seu movimento permanente, seja na realização de suas tarefas, seja na construção de sua identidade, seja nas suas idas e vindas

* Esta pesquisa é parte integrante dos programas do Lapip – Laboratório de Pesquisa e Intervenção Psicossocial do Departamento de Psicologia da UFSJ, e financiada pelo Pibic/CNPq/UFSJ.

em torno da produção de seus projetos coletivos e na dialética permanente do seu transitar entre esses projetos e os interesses individuais. O grupo é, com certeza, o lugar da multiplicidade e não da homogeneidade. Seu desafio é a construção de um projeto coletivo a partir da heterogeneidade de seus membros. Partindo dessas premissas, não faz sentido uma definição fechada, acabada do grupo. Ele está sempre por fazer-se, está a todo momento em construção, em processo, avaliando e produzindo sua história, a partir da história de cada um e de suas implicações na história coletiva. (Silva, 2000)

Até este momento estudamos os grupos Casa Lar de Prados, Casa do Velho Amigo, em Barbacena, Grupo de Diabéticos de São João del-Rei e Grupo de Inculturação Afrodescendente Raízes da Terra.

Nos estágios e pesquisas desenvolvidos pelo Lapip são privilegiados certos pressupostos teóricos e metodológicos: pesquisa-ação e pesquisa participante.

Acreditamos que há uma estreita vinculação entre pesquisa e intervenção:

Na perspectiva clínica, o enfoque se dá na descoberta e compreensão em profundidade, na qual o pesquisador se deixa guiar, mais do que guia (...). A pesquisa em clínica está sempre implicada nos processos de tomada de consciência e de mudança que supõe pesquisadores-clínicos capazes de recebê-las e apreendê-las, mais a aceitação da população investigada no processo da investigação. (Lévy, 2001)

Em nossa experiência com grupos, percebemos que não há como separar o diagnóstico da intervenção. Ao tentar fazer o diagnóstico de uma comunidade, estamos fazendo uma intervenção. E quando fazemos uma intervenção, estamos, obrigatoriamente, levantando dados e hipóteses sobre a comunidade, tentando entender sua dinâmica, ou seja, fazendo um diagnóstico, uma investigação (Silva, 2000). Outra referência considerada por nós como fundamental é a análise institucional. Dela utilizamos, principalmente, a análise da demanda, a autogestão e a regra da livre expressão (o restituir, trazer à tona o não dito, os rumores, os segredos).

Buscamos no trabalho com as comunidades um sentido de criação de espaços que possibilitem o desenvolvimento da conscientização e da percepção crítica dos fenômenos grupais, bem como a produção de processos de gestão coletiva, visando à autonomia dos grupos e associações comunitárias. (Silva, 2000)

Para efeito de coleta e análise dos dados, trabalhamos com as seguintes estratégias:

- Análise dos relatórios produzidos entre 1997 e 2002 pelas equipes de estagiários e ex-estagiários do Lapip sobre as sessões e eventos dos grupos investigados. Em tais relatórios são detalhados o desenvolvimento das atividades, as formas de participação dos personagens envolvidos, os efeitos produzidos sobre os membros dos grupos e as observações feitas pelos estagiários no desenvolvimento de suas atividades e na convivência com os grupos.
- Discussões com as estagiárias e seus supervisores, a fim de trocar as impressões captadas nas observações e apoiar os estágios com novos dados sobre os grupos.
- Gravações em vídeo e fotografias de algumas sessões e eventos dos grupos investigados. Das transcrições são produzidos quadros de análise (mapas de re-

gistro de fenômenos grupais), mostrando a descrição das cenas, os personagens envolvidos, suas formas de participação e os efeitos sobre os membros.

Entre os grupos já investigados, dois estão em instituições asilares para idosos, a Casa Lar Monsenhor Assis, em Prados, cidade próxima a São João del Rei, e a Casa do Velho Amigo, em Barbacena.

A Casa do Velho Amigo, em Barbacena, caracteriza-se como uma instituição total (Goffman, 1961) de regime de guarda asilar. Pode ser definida como de ideologia repressora. Até mesmo a arquitetura parece estar a serviço da contenção, pois propicia a separação e o isolamento: muros altos, grades, separação de homens e mulheres em alas diferentes. Também faz parte desse quadro a ociosidade na qual vivem os idosos.

Esse modelo de atendimento parece reproduzir as características de guarda e contenção adotadas historicamente pelo modelo de saúde mental, na própria cidade.

O envelhecimento, marcado por perdas e tido em nossa sociedade como depositário da incapacidade, produz em asilados de instituições totais como essa, que abrigam pessoas das quais o mundo se cansou, uma perda maior da identidade e da subjetividade. Os idosos são afetados pela baixa auto-estima, temor à morte, solidão, desamparo. Esses sentimentos se intensificam quando são condenados a viver no isolamento. Mas, a partir da produção e do desenvolvimento de um processo grupal, os idosos estão podendo dar um novo sentido a suas vidas, direcionando-as para a construção de novas identidades pessoais e de uma identidade grupal. Sabemos, a partir de trabalhos anteriores e reflexões teóricas, que a forma como os indivíduos expressam e lidam com a afetividade e as relações de poder são motores fundamentais do processo grupal e da construção da identidade, tanto individual quanto coletiva (Silva, 2000).

O forte processo de institucionalização, característica marcante da Casa do Velho Amigo, quase sempre dificulta o movimento dos grupos e parece intensificar a ansiedade persecutória. Produz apatia, falta de participação, retenção dos afetos e, ainda, reflexos no desenvolvimento do trabalho dos estagiários de Psicologia que, muitas vezes, encontram resistências entre funcionários e a direção da casa.

A Casa Lar possui uma realidade institucional um pouco diferenciada das instituições totais. Lá existe uma liberdade maior, os portões permanecem abertos e as pessoas podem transitar livremente, ou seja, não se vive sob o regime de total confinamento.

Muitos fatores contribuem para essa realidade. Um deles parece estar relacionado à forma como a cidade de Prados trata os “diferentes”. Seus habitantes interagem com esses indivíduos e os integram na comunidade. Assim, não se encontram isolados do convívio social, saem quando querem, recebem visitas e visitam amigos e parentes em suas casas, participam de comemorações festivas e eventos realizados na cidade, freqüentam a igreja e participam das atividades dos grupos que trabalham na paróquia. Em Prados parece haver a preservação da memória social de seu povo. Outro ponto de diferenciação é, possivelmente, o trabalho da Psicologia. Como exemplo, podemos citar a abertura dos portões, uma decisão tomada a partir de intervenções realizadas pelas estagiárias.

Mudanças concretamente pequenas, como a abertura dos portões, podem acionar

uma representação psíquica muito significativa. A sensação do livre trânsito pode ampliar a noção de liberdade e, provavelmente, atuar como desbloqueador no processo de institucionalização. Acreditamos que algumas mudanças agem significativamente no imaginário dos grupos.

A melhor forma encontrada pelas estagiárias de trabalhar com os idosos, em busca de uma melhoria de sua condição de vida e saúde mental, foi desenvolver atividades com foco na temática lúdica. Esse tipo de metodologia possibilita o surgimento de inúmeras manifestações de ordem emocional. “Através do lúdico muitos afetos são vivenciados e elaborados” (Brougère, 1997).

No cotidiano, alguns idosos da Casa Lar ainda se apresentam apáticos, também pela condição orgânica limitadora. No entanto, já se fazem mais presentes as manifestações de sentimentos, pensamentos e as diversas interações que demonstram nos encontros promovidos pela intervenção psicossocial. Isso parece apontar para o resgate de uma relação interacional que possibilita a reconstrução de uma identidade grupal, antes abafada ou impedida pela apatia, introversão e até mesmo fragmentação da identidade individual.

Todo esse quadro é resultado de uma subjetividade reprimida em termos de expressão no grupo, devido a uma situação de submissão internalizada, em consequência do processo de institucionalização que enfraquece o vínculo entre as pessoas e instala empecilhos no processo grupal. (Pagès, 1976)

No período de observação e análise desse grupo, percebeu-se que, com a temática lúdica, as estagiárias conseguiram trabalhar as resistências e dificuldades do grupo. Os membros se permitiram experimentar alguns afetos e compartilhá-los com os demais. A exposição desses afetos gera uma atmosfera de empatia e confiança, fortalecendo os vínculos grupais e contribuindo para a coesão do grupo, que já apresenta evolução no que diz respeito ao desenvolvimento do processo grupal. Seus membros começam a trazer questões individuais de convivência para discussão e busca de soluções no espaço grupal. Tais fatos nos fazem concordar com Pichon-Rivière (1998), para quem os grupos são espaços de manejo tanto das alegrias quanto das angústias, o que possibilita a construção de vínculos grupais e, conseqüentemente, de uma identidade grupal.

Atualmente, os integrantes do grupo, durante as reuniões, se pronunciam na primeira pessoa do plural (“nós”), o que indica a construção de uma identidade grupal. Acreditamos que a elaboração subjetiva que experimentam através das reuniões está construindo uma identidade grupal forte, capaz de amenizar as relações de poder na instituição.

Nas filmagens, demonstram mudanças na expressão dos afetos até mesmo fisicamente. Aparecem mais sorridentes e menos tensos – aproximadamente cinco meses se passam entre a primeira e a última reunião filmada. O espaço para trabalhar as angústias (o grupo) é uma provável referência dessa mudança.

ABSTRACT

It's an investigation about affection, identity and power in community groups, and its articulations with the development of the group process. The groups were the aim of extensive research projects. Video tapes, photographs and reports of activities produced data and allowed analyses of the evolution of the group process.

Keywords: Comunitarian groups; Affectivity; Identity; Power.

Referências bibliográficas

BROUGÈRE, Guilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1997.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LÉVY, André. Pesquisa e intervenção. In: **Ciências clínicas e organizações sociais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 79-98.

PAGÈS, Max. **A vida afetiva dos grupos**. Petrópolis: Vozes, 1976.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SILVA, Marcos Vieira. **Processo grupal, afetividade, identidade e poder em trabalhos comunitários: paradoxos e articulações**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000. (Tese de doutorado).